

# Bruno Tolentino – A gralha

É então que aquele pária das próprias ilusões,  
o encarcerado que ninguém visita,  
gruda-se às grades como a parasita  
ao fim das estações  
e, a sós com os nevoeiros, se limita  
a desfolhar visões.

Não tendo a quem contar que necessita,  
Senhor, do que lhe pões  
fora de mão segundo Tua estrita  
e amarga disciplina, aos encontrões  
contra si mesmo desenlaça a fita  
mais puída da névoa e espalha as confissões.

Pobre infeliz! Nunca tem mais que a bruma e, aflita,  
só entre assombrações,  
sua alma pavoneia-se, torna-se a gralha, imita  
os gritos do pavão ciscando entre os pinhões.  
Se um som assim te irrita,  
leitor, fecha este livro e vai ouvir canções...

**Bruno Tolentino, A balada do cárcere**